

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Murilo dos Santos Ribeiro

LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração.

GOIÁS
2025



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Murilo dos Santos Ribeiro

Matrícula: 20221100080078

Título do Trabalho: LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração.

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: ☒ Não ☐ Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no ReDi/IFG: __/__/__

O documento está sujeito a registro de patente? ☐ Sim ☐ Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? ☐ Sim ☐ Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás, 02/02/2026.

Local

Data



Documento assinado digitalmente

MURILO DOS SANTOS RIBEIRO

Data: 06/02/2026 16:30:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MURILO DOS SANTOS RIBEIRO

LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Cidade de Goiás, como requisito para obtenção da licenciatura em artes visuais.

Orientador : Prof. Mestre Felipe Matheus Pires da Conceição

GOIÁS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

808.06692

R484l Ribeiro, Murilo dos Santos.

LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração /
Murilo dos Santos Ribeiro ; orientador, Felipe Matheus Pires da
Conceição – Cidade de Goiás, 2025
44 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás,
Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. Processos artísticos. 2. Cerrado. 3.Regeneração ecológica. 4.
Autobiografia. I. Conceição, Felipe Matheus Pires da, orientador. II.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia. III. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Folha de Aprovação

MURILO DOS SANTOS RIBEIRO

LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Relato de Experiência defendido e aprovado, em 02 de dezembro de 2025, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Matheus Pires da Conceição

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Dirceu da Costa Maués

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Alemar Moreira de Sousa

Membro Interno

GOIÁS – GO

2025

Documento assinado eletronicamente por:

- **Dirceu da Costa Maues**, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO , em 02/12/2025 20:40:27.
- **Aleamar Moreira de Sousa**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/12/2025 20:39:07.
- **Felipe Matheus Pires da Conceicao**, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO , em 02/12/2025 20:37:49.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 02/12/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 723252

Código de Autenticação: a9dde845d3



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, S/N, Centro, GOIAS / GO, CEP 76600-000
(62) 3442-0212 (ramal: 0212)

Ao cerrado, esse território com árvores de cascas grossas e troncos retorcidos no qual fiz meu refúgio. Esse lugar que me constitui, me nutre e me protege.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Simone Rodrigues; ao meu pai, Valdivino Ribeiro Neto e minha irmã, Janaina Ribeiro, por serem uma âncora na minha vida e por sempre me apoiarem nas minhas decisões, por mais malucas que às vezes elas parecessem.

Ao meu orientador, Mestre Felipe Matheus Pires da Conceição, por todo apoio, ideias e todo conhecimento que me proporcionou acessar, e por sempre me incentivar dentro do mundo da arte.

Agradeço a todos meus professores, que possibilitaram durante esses 4 anos de curso uma troca muito rica de conhecimentos.

A minha amiga Rayane Cesário, por estar junto comigo em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, inclusive por aguentar eu ler cada novo parágrafo durante a escrita desse texto.

E por fim, agradeço a todas as pessoas que cruzaram meu caminho e que contribuíram para minha formação.

“Onde semeei a esperança do meu sonho e a confusão da minha vida”

Paulo Bertran

SUMÁRIO

Introdução	07
1. Infância: Um processo de desbravamento e entendimento do mundo como território	09
1.1 – Ponto de partida.	09
1.2 – Descobrir novos territórios.....	11
1.3 – Descobrindo uma nascente.	12
2. Jardim Cerrado.....	14
2.1 – Ação de 2016.....	14
2.2 – Mudança para o loteamento em 2019.....	19
2.3 – Dicotomia.....	20
3. Derivas.....	24
3.1 – Canteiro de obras.....	24
3.2 – Os mapas.....	27
3.3 – A instalação.....	33
Considerações finais	42
Referências	43

LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração.

Murilo dos Santos Ribeiro¹

RESUMO: Este estudo apresenta um relato de experiência, que parte de uma escrita autobiogeográfica, em que estabeleço uma relação entre o cerrado, as relações no antropoceno e os caminhos desenvolvidos no campo das artes que contribuem para o processo de regeneração desse bioma. Partindo da metodologia de derivas, as produções ultrapassam o fazer estético, sendo o motor que transforma a contemplação em intervenção. Por fim, este trabalho é um movimento contínuo que liga a memória íntima à política do lugar, usando a arte não como um fim, mas como um meio de reexistência e intervenção no mundo.

Palavras-chave: Arte e Natureza; Processos Artísticos; Cerrado; Deriva; Regeneração Ecológica.

Introdução

Esta pesquisa, intitulada "LACRIMAL: uma poética cerratense da regeneração", surge da intersecção entre a vivência no Cerrado goiano e a minha prática artística. Trata-se de uma investigação autobiogeográfica de aproximação com o território, realizada por meio de caminhadas, registros fotográficos, experimentações, anotações de campo e coletas de materiais, que busca problematizar a degradação desse ecossistema em constante regeneração.

Nesse sentido, aproxima-se do entendimento de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2017), que compreende a autobiogeografia como uma metodologia crítica, situada e criativa, capaz de articular práticas decoloniais e de adentrar a compreensão das políticas do espaço. que se coloca de forma crítica diante da degradação ambiental e da especulação imobiliária.

¹Murilo dos Santos Ribeiro (26) é um artista visual e estudante de Artes Visuais no IFG - Campus Cidade de Goiás, onde reside. Sua trajetória artística começou no carnaval de maquete, onde foi campeão nacional em 2016 e transformou essa paixão no premiado curta de animação Stop-Motion "Nordeste: Tormentos de outrora, refletidos no agora", além de atuar como carnavalesco. Nas artes visuais, utiliza como método de pesquisa a caminhada, e em suas obras exploram a regionalidade, o território, a cultura, entre tantas outras inquietações que perpassam seu caminho. Desenvolvendo assim pesquisas visuais, como a série "Cerrado: As 4 Estações", que usa anjos em críticas a padrões sociais e ambientais. O reconhecimento de seu trabalho culmina em participações em 2025, como as coletivas "Do chão que habita" e "BOROGODÓ" no Museu das Bandeiras e na Residência Artística Elder Rocha Lima, em que aprofunda ainda mais as relações do antropoceno no Cerrado.

A motivação central reside na inquietação gerada pela constatação da destruição de uma nascente na Cidade de Goiás, um evento ligado à construção do Loteamento Jardim Cerrado; no entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, percebi que o problema não se restringia apenas ao local assinalado. O título "Lacrimal" evoca uma dupla significação: refere-se à denominação informal dada às nascentes e, simultaneamente, à ideia da lágrima, simbolizando o luto e a violência causados pela destruição desse bioma; onde nascia um choro de felicidade, as nascentes agora soltam lágrimas de dor e medo, sem saber se vão sobreviver a mais uma seca.

O objetivo deste trabalho é investigar a transmutação de uma experiência pessoal no território em uma poética de resistência e regeneração. Para isso, incorporo em minha pesquisa o método da deriva como ferramenta de investigação e prática artística, evoluindo desde as explorações da infância até o caminhar consciente como um fazer em arte.

A produção artística resultante, manifesta-se em um corpo de trabalhos que inclui o díptico "Dicotomia", em que abordo a dualidade de um cerrado explorando os aspectos de degradação do bioma, a apropriação crítica de mapas como na obra "Visível", e a instalação "Usufruto", que projeta um ambicioso projeto de reflorestamento da nascente degradada.

No primeiro capítulo, "Infância: Um processo de desbravamento e entendimento do mundo como território", detalho algumas experiências daquele menino que ansiava por desbravar a região onde morava e como esse processo contribuiu para formação da minha relação com o Cerrado.

No segundo capítulo, abordo a participação em uma ação de protesto contra o loteamento em 2016, em que então começo a apresentar o objeto principal de desdobramento da pesquisa: a nascente. Nessa mesma passagem, desdubro acerca da mudança de minha família para o mesmo local em 2019, momento de profunda reflexão sobre a convicção dos impactos que aquele lugar exercia sobre o ecossistema e a realidade de como o cerrado lutava para coexistir entre tantas barreiras antrópicas que lhes eram impostas.

E, finalizando, o terceiro capítulo "Derivas", em que descrevo o desenvolvimento da pesquisa, partindo da incorporação da deriva, a análise do mapa imobiliário do loteamento Jardim Cerrado, e a materialização das obras que compõem o Projeto Lacrimal. Nele, o processo artístico torna-se a própria obra, servindo como uma ação ecológica e política concreta, assim busco questionar determinados aspectos do sistema capitalista e colonizador que invisibiliza a riqueza hídrica do Cerrado, é mais simples conceber o colapso do planeta do que vislumbrar um sistema que substitua o capitalismo, o que demonstra a profundidade dessa ideologia dominante (Fisher, 2009).

1. Infância: Um processo de desbravamento e entendimento do mundo como território.

Tudo começa a partir da exploração do território da infância como um campo de aprendizado, autodescoberta e, crucialmente, de consciência ambiental. A autobiogeografia entra aqui, pois essa história não é apenas sobre a casa ou a nascente, mas sobre como esses lugares concretos (Goiás/Cerrado) desafiam uma visão mais ampla e padronizada da geografia e da história brasileira (Rodrigues, 2017).

1.1. Ponto de partida

Figura 1: Foto da fachada da casa onde morei durante minha infância



Fonte: arquivo do autor, 2025.

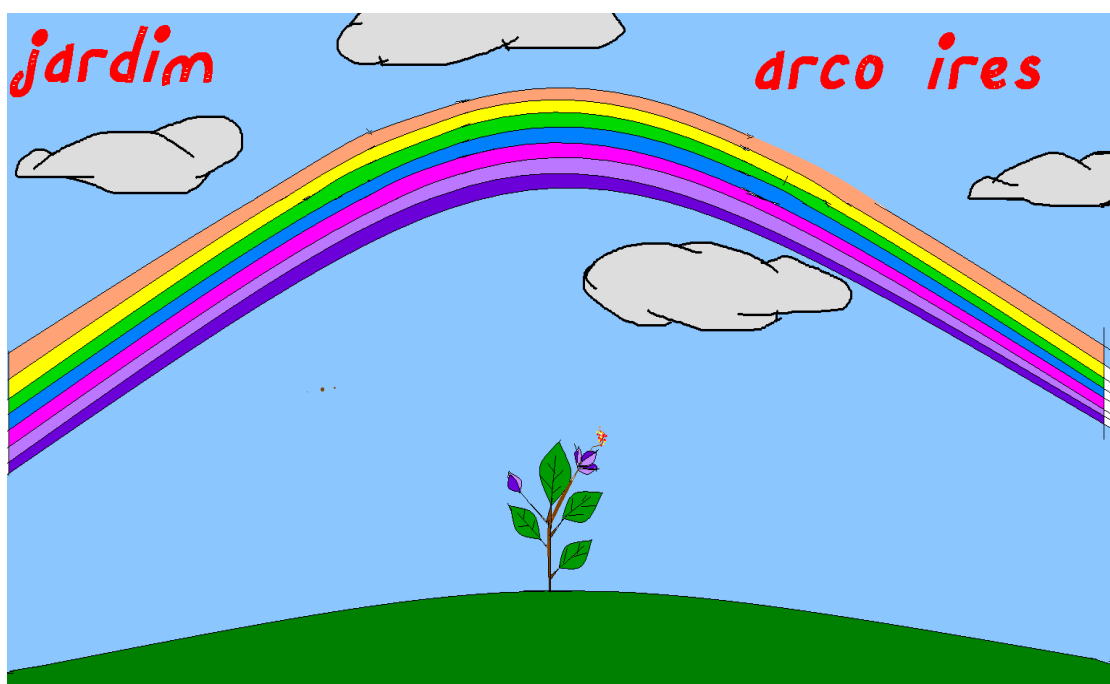
Foi nesta casa, na Rua D, Vila Agnelo, número 9, quadra 9, lote 9, bairro João Francisco, na cidade de Goiás, que vivi desde que nasci, no dia 1º de maio de 1999, até os meus 19 anos. Ali morávamos eu, minha irmã, minha mãe e meu pai. Como o lote pertencia à minha avó, a casa onde ela morava com meu tio ficava logo ao lado. Lembro que nossa casa foi aumentando com o passar dos anos. Meus pais contavam que, quando se mudaram para lá, ela era apenas um barracão e que, de cômodo em cômodo, foi ganhando forma.

Não me recordo quantos anos eu tinha, mas quando meu quarto foi construído, fiquei imensamente feliz. Finalmente, eu teria um cantinho só para mim, um espaço que, hoje vejo, tornou-se o meu primeiro laboratório de artista. Ali, eu criava vários universos e podia ser eu mesmo, sem medo do julgamento da sociedade lá fora. De certo modo, eu gostava muito de ficar sozinho, seja no meu quarto ou no quintal.

O terreno era grande, com três quintais: um particular da minha casa, onde havia um pé de acerola; o da minha avó, ocupado por uma parreira de uva; e, no meio, um quintal bem maior, com cinco pés de goiaba, onde diversas galinhas eram criadas. Busquei explorar cada cantinho desse grande terreno.

Em um desses locais, mais especificamente atrás da cobertura que meu pai usava para guardar o carro, havia um pedaço de terra. Decidi ali criar o meu jardim, que chamei de Jardim Arco-Íris. Eu trabalhava diariamente para manter cada plantinha viva e ficava ansioso à espera da “primavera” para ter um belo jardim “florido”.

Figura 2: Desenho da identidade visual do jardim feito no Paint.



Fonte: arquivo do autor.

Mas não era bem assim que acontecia. Com a chegada da estação tão esperada, não havia flores, nem pássaros e borboletas bailando no ritmo do amor. Havia chuva, muita chuva! Lembro que ficava tão frio que eu quase não ia até o jardim, visto que ele ficava muito úmido e as chances de pegar um resfriado eram grandes.

Essa quebra de esperança em ver a primavera em todo o seu vigor, como sempre me foi vendida, começou a me trazer algumas inquietações acerca do que realmente eram as estações do ano dentro da minha realidade, a partir do meu território, e, assim, fui entendendo o que é o Cerrado goiano, fui me aceitando como cerratense, termo esse cunhado pelo historiador, poeta e escritor Paulo Bertran, descrito em sua obra *História da Terra e do Homem no Planalto Central*, e usado para designar a pessoa ou o ser humano oriundo e pertencente ao bioma Cerrado, com suas características culturais e históricas específicas.

1.2. Descobrir novos territórios:

A partir do momento em que aprendi a valorizar o território como um campo de aprendizado, surgiu em mim o interesse em explorá-lo. Por ser ainda muito pequeno, alguns “limites” me foram impostos. Primeiro, eu só podia ir até a esquina; depois, era permitido ir até a outra. A cada limite que eu ultrapassava, conseguia enxergar novos rumos para seguir.

Lembro que, ao chegar na esquina mais longe de casa, o ponto mais distante que já tinha alcançado, a satisfação foi imensa, por finalmente estar conhecendo novos horizontes, novos pontos de vista dessa cidade cercada por morros. Frédéric Gros (2014) argumenta que as crianças veem os caminhos não como simples rotas, mas como fontes de inquietude e possibilidades de mundos distintos, percebendo cada elemento da natureza, como as árvores, em sua singularidade inimitável.

Toda essa descoberta foi um processo longo, pois os limites tiveram de ser quebrados à medida que eu ia ficando mais velho. Embora a vontade de simplesmente ir sempre além fosse muito grande, as barreiras impostas vinham das preocupações de minha família em deixar uma criança longe de casa em uma sociedade repleta de violências, e isso me causava medo.

Mas, de alguma forma, esse tempo a mais me permitia conhecer bem cada ambiente antes de partir para os próximos. Minha maior felicidade era encontrar um lote baldio ou uma casa abandonada; normalmente, esses lugares tinham muitos pés de frutas. Eu nem via a hora

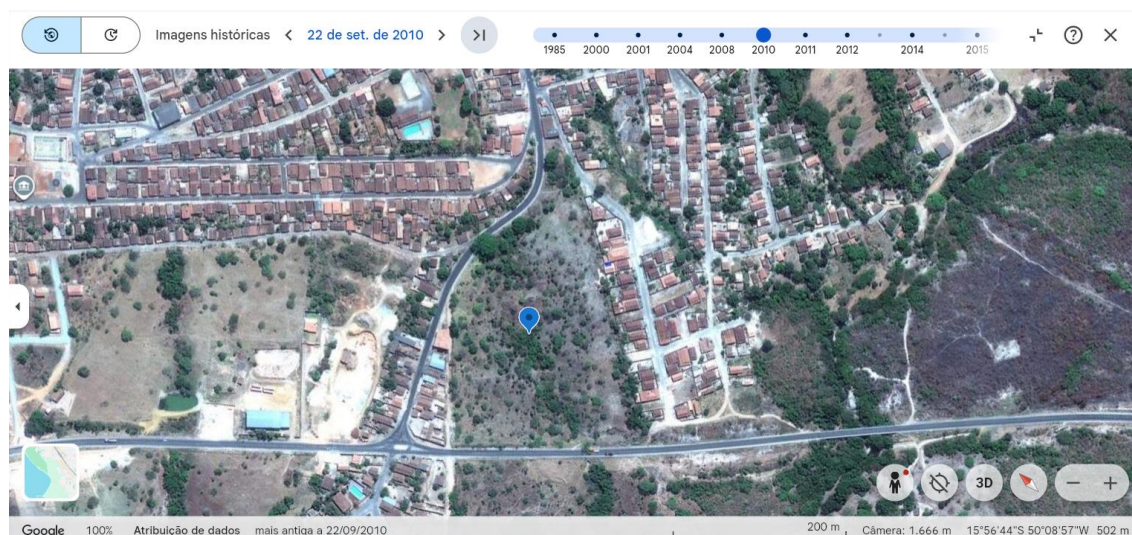
passar quando estava em cima de uma goiabeira, comendo as frutas até ficar empanturrado, principalmente, se fosse da goiaba vermelha.

1.3. Descobrindo uma nascente.

À medida que fui avançando nesse meu universo de descobertas, cheguei a uma região do Cerrado na saída de Jussara. Na ocasião, fui junto com um amigo mais velho. Lembro que, naquela época, minha desculpa para ir até esses lugares era o fato de querer ser biólogo. Era fim de tarde; equipamo-nos com lanternas e ferramentas que julgamos ser úteis nessa exploração.

Não havia nenhum trieiro que direcionasse o caminho, então a única forma foi encarar o mato e o capim alto. Fomos entrando até chegarmos a um local (marcado na figura 3) com grandes árvores, e, mais perto, havia ali um “pequeno rio”. Fiquei encantado, pois era uma paisagem única até então. Lembro-me de todos os detalhes: as grandes árvores com a copa fechada de folhas, os troncos repletos de musgo e orquídeas selvagens. Sob elas corria uma nascente, cercada de outras pequenas árvores, e em alguns pontos mais abertos, onde era possível ver a água, havia centenas de lírios do brejo.

Figura 3: Imagem histórica de satélite de 2010



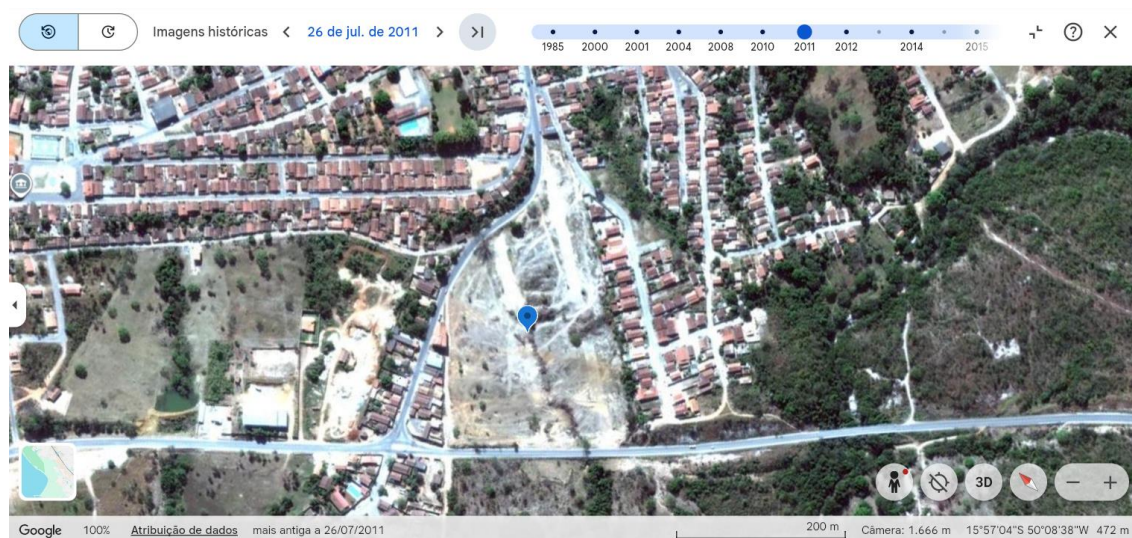
Fonte: extraída do google earth.

Fiquei tão entusiasmado que nem notei o tempo passar e só fui perceber quando a luz do dia já tinha praticamente ido embora. Naquele momento, tive muito medo, acho que me senti

muito pequeno frente a tudo que a natureza pode ser. Mesmo tendo andado poucos metros da rua onde entramos, o desespero que me bateu fez parecer que era um grande labirinto.

Depois de alguns meses, ao chegar ao mesmo local, percebi que ele já não era o mesmo. A água já não estava mais tão limpa; a presença humana fez com que, aos poucos, a natureza fosse sendo trocada por lixo que era jogado na região e, muitas das vezes, levados pelas enxurradas durante as chuvas. Certo dia, toda essa área foi destruída para a construção de um loteamento como vemos na figura 4:

Figura 4: Imagem histórica de satélite de 2011



Fonte: extraída do google earth.

O projeto nunca foi para frente. Segundo os comentários na época, a obra foi embargada por não ter licença, porém tudo já havia sido destruído, e o que restava era a esperança de que o cerrado tivesse forças para se regenerar, após ter sido morto pela ganância de um sistema que só pensa em lucro. Hoje em dia, poucas árvores existem ali, o espaço também é utilizado para criação de gado, e as valas nos relembram o curso da nascente que brotava naquele lugar e que, atualmente, só é alimentada pelas águas das chuvas que escoam da cidade. Como vemos na imagem a seguir:

Figura 5: Fotografia atual da área degradada. 2025.



Fonte: arquivo do autor.

2. Jardim Cerrado

Os anos foram passando, eu fui crescendo, mas todas essas questões continuam presentes no meu caminho, e assim começaram a ganhar força dentro da minha poética e da minha produção artística. Muda-se a localização, mas permanece o mesmo descaso a esse rico bioma do Brasil central.

2.1 Ação de 2016

Partindo dessas especulações imobiliárias e de como o Cerrado é negligenciado em todo esse processo, chegamos à ação que participei em 2016, junto aos moradores do setor Bacalhau. Eles protestavam contra a construção de um loteamento na região, que foi feito em cima de uma nascente. Dessa forma, realizamos uma caminhada que percorreu toda essa área ameaçada, documentando tudo por meio de imagens e vídeos, para, assim, construir um material sólido para ser encaminhado à prefeitura.

O percurso foi iniciado próximo à praça do Setor Bacalhau, em um trecho de Cerrado. O motivo de não ir diretamente ao loteamento, era que aquele pedaço de mata também estava sendo ameaçado de ser destruído para a construção de imóveis.

Figuras 6, 7, 8 e 9: Fotografias do trecho da caminhada inicial.



Fonte: arquivo do autor, 2016.

Algo que me chamou muito a atenção naquele dia foi o quanto aqueles moradores estavam empenhados em lutar para manter toda aquela fauna e flora preservadas. Além de mim, que na época tinha 17 anos, havia muitos jovens e crianças. Os adultos, em todo o percurso, iam nos passando informações das espécies de plantas e contando histórias, explicando que, por mais que parecesse um ambiente intocado pelos seres humanos; na verdade, aquela porção de terra, sufocada pela cidade, já havia sido bastante alterada.

Figura 10: Registro das conversas realizadas no percurso.



Fonte: Janaina Ribeiro, 2016.

Era uma área de Cerrado muito bonita. Contudo, à medida que fomos nos aproximando de onde o desmatamento para a construção do loteamento já havia ocorrido, a paisagem foi sendo tomada por uma faixa branca que se destacava entre os troncos das árvores.

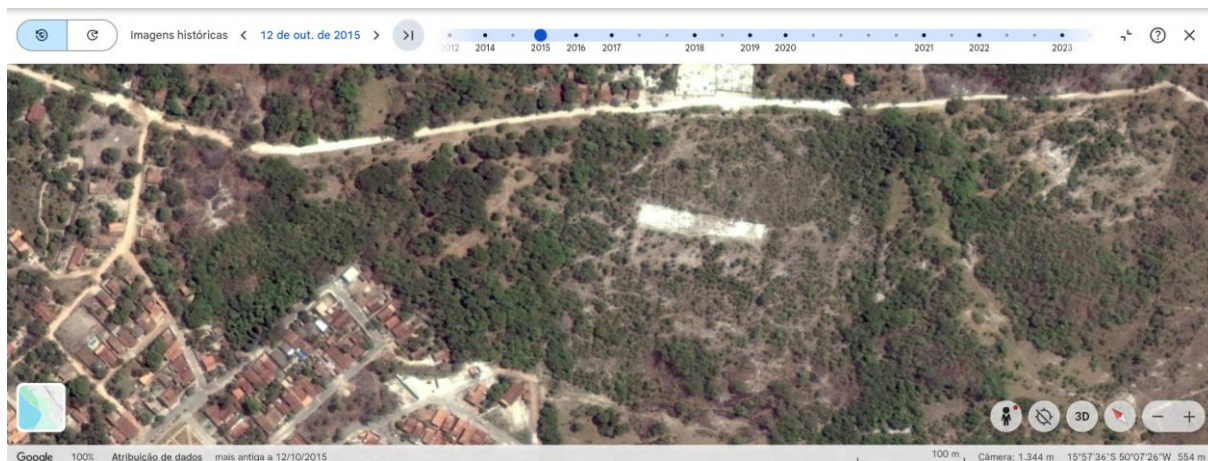
Figura 11: A primeira visão da destruição.

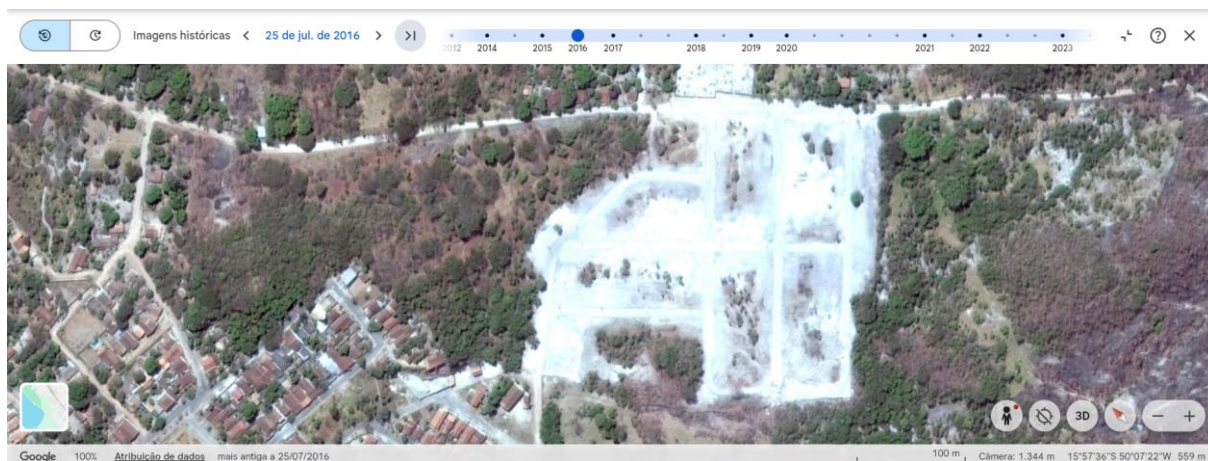


Fonte: arquivo do autor, 2016.

O contraste entre a natureza viva e morta gritava em nossos olhos. Chegamos, então, àquele deserto de terra branca, uma destruição que se justificava pela construção de um “oásis” no meio do Cerrado. As marcas de pneus de tratores deixaram evidências de um terreno recém-perturbado.

Figura 12 e13: Imagem histórica de satélite de 2016 e 2017.





Fonte: extraída do google earth.

No lugar das árvores arrancadas, havia estacas que já delimitavam lotes e ruas. Ainda existiam algumas poucas árvores entre um espaço e outro, mas era nítido que a presença desses resquícios de vegetação era para vender a ideia do Loteamento “Jardim” Cerrado.

Figuras 14, 15 e 16: Fotografias das marcas da construção do loteamento.



Fonte: arquivo do autor, 2016.

Mas que jardim é este? Estava mais para um filme de terror, e tudo ficou ainda mais complexo por existir ali uma nascente. Naquele momento, não era possível vê-la, não havia nenhum sinal de que brotava água naquele lugar, e, disso, podemos ver o quão agressivo foi todo esse processo de degradação criminosa.

Figura 17: Local exato onde ficava a nascente.



Fonte: arquivo do autor, 2016.

Segundo os relatos dos mais velhos, esse olho-d'água era utilizado pelas pessoas da região para lavar roupas e também para o lazer, já que um dia foi abundante em água, ao ponto de permitir tomar banho. Porém, naquele momento, tinha-se apenas um mar de terra e, um pouco mais abaixo, uma outra nascente, fraca e com a água visivelmente parada, pois uma de suas origens estava sufocada demais para emergir do subsolo.

Figuras 18 e 19: Fotografias da nascente um pouco mais para baixo da área degradada.



Fonte: arquivo do autor, 2016

Naquela época, eu já tinha alguns conhecimentos sobre montagem. Portanto, ficou para mim a tarefa de reunir todo aquele material de vídeos com imagens e depoimentos dos moradores. O vídeo, que se tornou um tipo de documentário, foi entregue à prefeitura junto a outros documentos organizados pela população.

Viver aquela experiência me fez refletir muito sobre o quão cegado o ser humano é pelo capitalismo, enraizado num sistema colonizador de vidas, culturas e pensamentos. Sistema esse que ainda permite que pessoas com “nome”, ou seja, que descendem de famílias abastadas e importantes, presentes desde a época da invasão que originou a cidade, consigam driblar a lei para a aprovação dessa construção em uma área ilegal.

Nesse sentido, é nítido o quanto as relações de destruição da natureza neste Antropoceno vêm cada vez mais se intensificando. O termo Antropoceno designa a época geológica atual, na qual a humanidade não é mais apenas uma força biológica ou social, mas sim uma força geológica capaz de alterar profundamente os processos e o funcionamento do sistema planetário, como argumentado por Crutzen (2002).

Com o passar dos anos, a área que visitamos logo no começo da caminhada foi “preservada” e hoje ainda existe; embora, aos poucos, ela venha perdendo espaço para a construção de novas casas. Já o loteamento seguiu: logo chegou o asfalto e começaram a vender os lotes. Neste momento, eu não tinha ideia de que a realidade daquela nascente estaria mais próxima de “casa” do que eu poderia imaginar.

2.2 Mudança para o loteamento em 2019

Um ano depois, meus pais compraram um lote no Jardim Cerrado. De certa forma, fiquei muito mal com isso, pois era contra tudo que eu havia defendido um ano antes. Por um período, eu tinha vergonha de falar que iria morar lá. Mas eu não tinha o que fazer; meus pais estavam realizando o sonho de finalmente ter a casa própria, e ela começou a ser construída na Rua Wellington Leão Segurado Junior, S/N, Quadra 7, Lote 11, Jardim Cerrado-Davidópolis, Goiás, Brasil, que fica do lado oposto à nascente.

Demorou alguns anos para a casa ser construída. Ela foi se formando aos poucos: primeiro veio o alicerce, um tempo depois o aterro, e de cômodo em cômodo as paredes e vigas foram surgindo, depois o telhado e, por fim, chegou a fase de acabamento. A casa só ficou pronta para morar no final de 2019. Eu estive muito presente em todo esse processo; tudo foi feito por meio de mutirões, mas na maior parte do tempo éramos eu, meu pai e meu avô. Todo esse período me permitiu ir conectando com aquele novo território.

Logo após a mudança, em 2020 chegou uma quarentena, que inicialmente seria de dias, depois semanas, e, então, meses, e no fim foram mais de 3 anos. Naquela época o loteamento tinha poucas casas, o que não mudou no tempo presente. Assim, para não ficar só fechado em casa, eu comecei a realizar caminhadas noturnas junto com minhas cachorras.

Era sempre o mesmo caminho: eu ia até onde ficava a nascente e retornava para casa. Nesse meio tempo, um capim chamado rabo-de-burro chamou minha atenção, principalmente pela sua estética. Comecei a ir mais a fundo, buscando entender o porquê esse capim crescia especificamente em alguns lugares. Certo dia, percebi que a maior concentração dessa planta era justamente na região da nascente. Ao pesquisar mais, descobri que esse capim é considerado pela agricultura uma erva daninha, que só causa prejuízo às lavouras.

Mas aí eu me pergunto: será que o capim realmente é o problema? Ali, naquele lugar, eu não o enxergava assim, e sim como a forma de vida vegetal resistente que estava ali para recompor a vegetação arrancada daquela região e que ainda mantinha vivo aquele agora pequeno olho-d'água que se mostra durante os períodos de chuva.

2.3 Dicotomia

Com isso, surge a obra “Dicotomia”. O trabalho é um díptico composto pelas obras “Bem” e “Mau”, construídas a partir da pintura a óleo e da colagem de capim sobre tela. O termo “dicotomia” significa divisão de duas partes; é a oposição entre duas coisas, tal como o amor e o ódio, ou como a própria composição nos apresenta: o bem e o mal. Assim, as obras buscam abordar essa dualidade de um cerrado vivo e degradado.

Figura 20: Série - Dicotomia, 2025



Fonte: Murilo Ribeiro. Óleo e colagem de capim sobre tela. Díptico. 30 x 40 cm cada.

Ao adicionar a matéria orgânica do próprio bioma na construção das obras, a ideia foi ressignificar a importância desse capim. Vale ressaltar que a colheita deste material não causa nenhum prejuízo à planta; a parte utilizada é o pendão, cujas sementes são produzidas, e a coleta é feita após todas as sementes se dispersarem no chão. Isso garante que o ciclo de vida da planta não seja afetado.

Figuras 21 e 22: Capim rabo de burro.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

No trabalho, foram agregados conceitos da psicologia das formas utilizadas na construção de personagens. O bem vem com a forma circular, trazendo uma impressão de calma, suavidade e amabilidade; ao mesmo tempo, inspira-se na iconografia católica para a criação de "resplendores" ou "auréolas".

Essa alusão desafia a ideologia colonial expansionista, presente no traçado urbanístico da cidade desde sua criação, ao subverter símbolos de uma cosmovisão, que historicamente justificou a dominação e a exploração, uma vez que utilizo o formato para exaltar a nascente ao invés de um símbolo religioso. Ao ressignificar esses elementos, o trabalho busca uma prática de empoderamento crítica, que compreende o espaço como um campo de negociações e disputas, aberto a novas formas de ser e se relacionar com o território.

Figuras 23, 24 e 25: Fotografias de Ostensórios do acervo do Museu da Boa Morte.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

Já a obra do “mau” traz essa denúncia da degradação do bioma, com a utilização do quadrado, trazendo ali pontas e quinas, que transpassam uma ideia de perigo, agressividade ou instabilidade. Além disso, traz também a ideia de uma área demarcada, com limites claramente definidos, ordenados, suscitando uma necessidade de controle, uma ocupação tecnocrata. Não é uma forma orgânica como o círculo, remetendo também à demarcação rígida do loteamento.

As cores também têm um papel muito importante nessa dualidade que as obras buscam mostrar. O vermelho representa o Cerrado em chamas, a seiva em tons de sangue que escorre das árvores cortadas para dar lugar às pastagens e plantações. A utilização do azul deve-se ao Cerrado ser conhecido como o “berço das águas” ou “caixa d’água do Brasil”, devido ao seu elevado potencial aquífero, enaltecendo toda a riqueza de fauna e flora mantida por essas águas, além de, é claro, remeter a essa nascente, que se mantém em meio a esse capim.

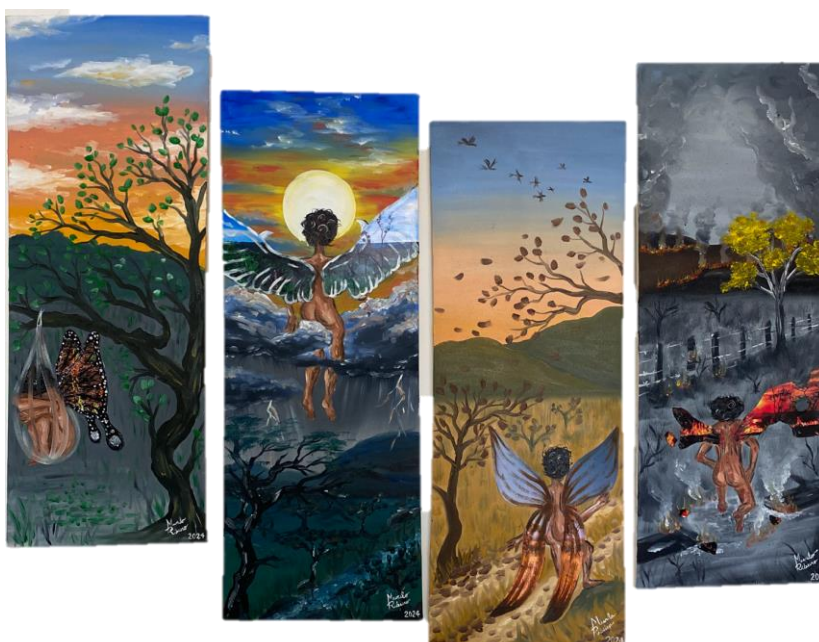
Figuras 26 e 27: Fotografias de detalhes da série Dicotomia.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

Contudo, eu ainda sentia que não era o bastante. Para ir mais fundo, o método das derivas começou a ser incorporado no meu processo artístico. Embora, eu seguisse diversas proposições desse método desde a infância, como os desbravamentos daquele menino curioso que queria saber mais do mundo, até mesmo agora depois de mais velho, a exemplo da série “Cerrado: As quatro estações”, na qual acompanhei o cerrado por um ano para entender o bioma de acordo com cada sazão.

Figura 28: Série - Cerrado: As 4 Estações, 2024



Fonte: Murilo Ribeiro. Óleo e colagem sobre tela. Políptico. 65 x 25 cm cada.

O trabalho consiste em uma série de quatro obras, em que cada uma busca mostrar como se encontra nosso bioma Cerrado durante as quatro estações do ano: primavera, verão, outono e inverno, trazendo uma abordagem diferente de um conhecimento colonizador. Além da abordagem científica do bioma, busca-se também mostrar todo esse ciclo de forma lúdica através de anjos. Nelas, podemos observar as mudanças climáticas, que estão cada vez mais inconstantes; as queimadas criminosas que aumentam a cada ano; e a luta do Cerrado para permanecer vivo, renascendo em meio a tantas barreiras.

Mesmo que as derivas tenham sido fundamentais para o desenvolvimento da minha produção artística até então, foi a partir das minhas inquietações acerca dessa nascente, que estava há tanto tempo e tão perto ali da minha realidade, que passei a incorporar o caminhar como um fazer artístico, utilizando esse método para desencadear minha pesquisa em arte.

3. Derivas

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva consiste em um ato de caminhada espontânea e intencional através de um ambiente urbano ou geográfico. Não se trata de um simples passeio, mas sim de uma prática que busca o desvio dos percursos habituais e a abertura para o que o ambiente pode revelar (Debord, 1958).

3.1 Canteiro de obras

Neste sentido, as caminhadas noturnas também começaram a ser feitas à luz do dia, permitindo-me enxergar cada detalhe daquele lugar e o quão mutável era aquele pequeno trecho por onde eu passava. Frédéric Gros (2014) sustenta que o ato de caminhar é marcado por uma série de despedidas e pela incerteza do retorno aos lugares, sendo essa condição de partida a responsável por aguçar e intensificar o olhar do caminhante sobre a paisagem em constante transformação.

Isto fazia ainda mais sentido na rua de asfalto ao lado da nascente, que todo ano dava muito problemas estruturais devido ao excesso de umidade. E claro que a culpa sempre foi direcionada àquele veio d'água. Mas, quando eu olhava para aquela situação, só conseguia pensar no quanto aquela natureza lutava para sobreviver em meio a tantas perturbações.

Figuras 29 e 30: Nascente brotando em meio ao asfalto.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

A rua virava uma verdadeira areia movediça. Não havia asfalto, nem concreto que conseguisse se manter firme por causa da água. Os órgãos responsáveis pela manutenção daquela rua tentavam de diversas formas resolver aquele “problema”; desde que o loteamento foi construído, aquela região nunca deixou de ser um canteiro de obras.

Durante uma das minhas caminhadas, avistei uma certa movimentação na região: mais uma obra estava a todo vapor. Trabalhadores da Saneago estavam cavando um enorme buraco bem no meio da rua. Pensei comigo: “Essa nascente não tem um dia de paz”.

Figuras 31 e 32: Obra da Saneago na área da nascente.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

Fui tomado pela curiosidade em saber o que estava sendo feito ali e, ao mesmo tempo, essa curiosidade era carregada de preocupação dos impactos que aquelas ações poderiam causar à água que brotava naquele lugar. Não aguentei e acabei perguntando àqueles homens se tudo aquilo era devido à nascente. Fiquei um pouco sem reação quando disseram que não!

Segundo eles, havia feito um teste naquela água que brotava no meio da rua e que, a partir dos resultados, na verdade era um vazamento de cano com água tratada da própria Saneago. Não questionei muito, porque eles foram um pouco ríspidos comigo. Logo me retirei, porém aquelas palavras ficaram ecoando na minha cabeça.

Por um lado, eu gostava da ideia de que a nascente estivesse causando tudo aquilo. Ao meu ver, era uma forma dela gritar para qualquer um que passasse por ali: “Eu estou aqui, eu preciso respirar!”. Mas, na verdade, o problema continuava sendo causado por erro dos próprios seres humanos e nós mesmos projetamos a culpa para quem não consegue falar por si só.

Figura 33: Retrato da obra mal-acabada.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

Depois de um tempo, a natureza foi consertando o resto do serviço mal-acabado. Aquele olho d'água que se formou naquele buraco deixado no meio da rua, lembrava-me de que a nascente ainda estava ali, mas como não era mais alimentada por aquele cano, não tinha mais forças para romper o asfalto, limitava-se a um espelho que refletia uma área extremamente

perturbada. No entanto, o período de chuva estava chegando ao fim, em breve a água não teria forças nem mesmo para emergir da própria terra, o que não demorou a acontecer.

Figuras 34 e 35: Mesmo lugar na nascente em períodos diferentes.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

3.2 Os mapas

Com o desenvolvimento da pesquisa, procurei explorar um pouco mais o campo da desmaterialização na arte contemporânea. Segundo Lippard e Chandler (2013), esse conceito é caracterizado por manifestações que priorizam o processo de criação intelectual ou a ideia por trás da obra, em detrimento da sua forma material ou objeto físico.

O movimento sugere um processo de desmaterialização da arte como objeto, em que o valor da obra desliga-se do suporte material. O objeto de arte passa a ser visto como um produto secundário ou acessório. A ideia e o raciocínio do artista passam a ser o foco essencial da manifestação artística.

Partindo disso, lembrei-me de um mapa que tinha guardado em casa, da época em que meus pais estavam comprando o lote. Nele, havia uma propaganda do que seria o Jardim Cerrado, e ele foi essencial como objeto de pesquisa.

Figura 36: Mapa



Fonte: Murilo Ribeiro, 2025, 62 x 62 cm.

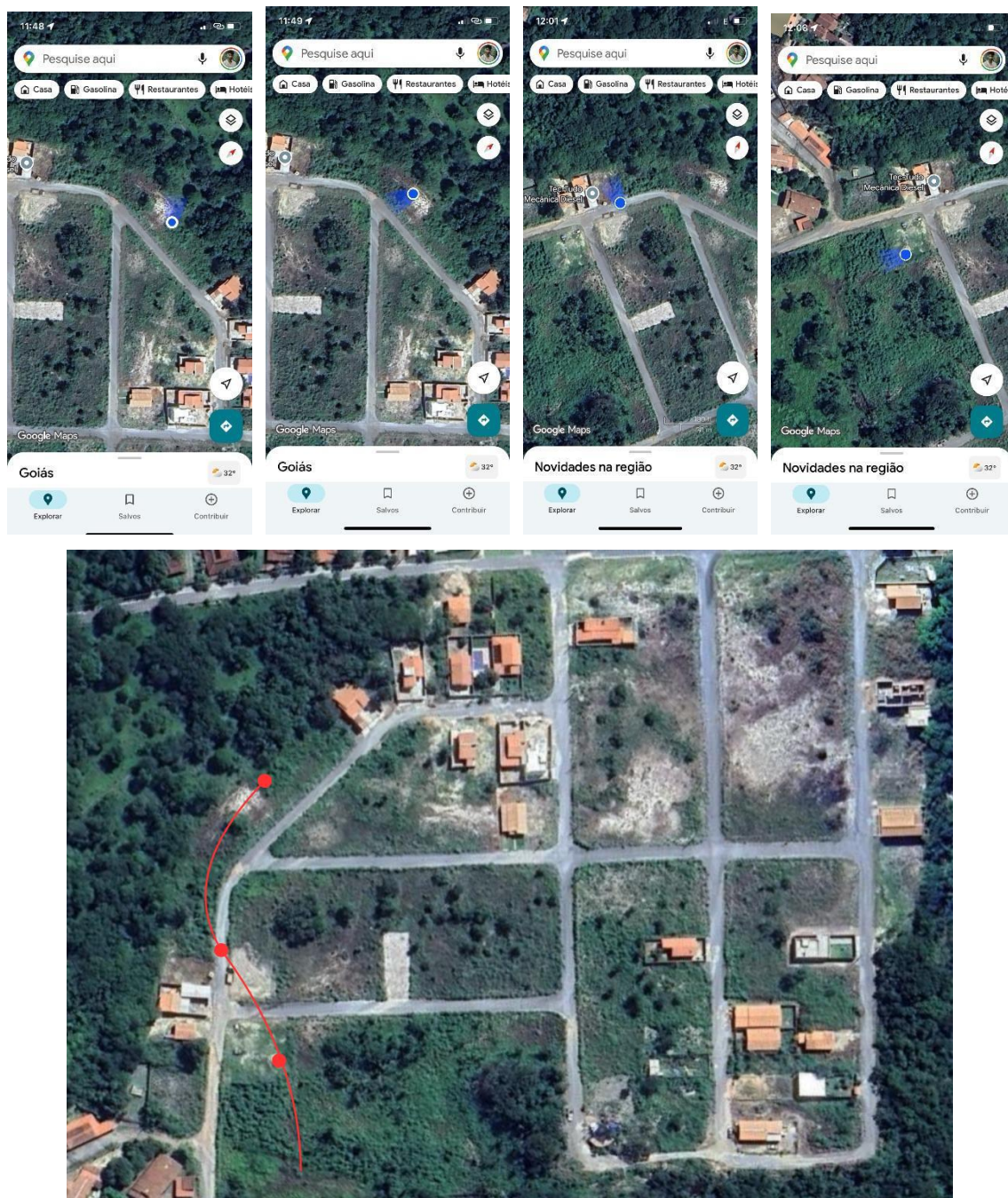
Analisando esse material, percebe-se que ele vai além da propaganda imobiliária, funcionando como um diagrama conceitual. O mapa do loteamento "Jardim Cerrado" não é só uma representação do lugar; é um modelo de futuro planejado, uma projeção de ordem e desenvolvimento. Atuando, assim, como o suporte da ideia de que a verdadeira "obra" é o próprio objeto e todas as questões que o envolvem.

Essa dinâmica alinha-se com a premissa de Lippard e Chandler (2013): o objeto físico nos abre para o processo intelectual que ele carrega. O loteamento existe primeiro como um conjunto de linhas, números e promessas. Contudo, na prática, esse projeto falhou em lidar com as forças elementares do local – a nascente. A água que o loteamento tentou calar sob o asfalto é a mesma que, de forma insistente, quebra a lógica perfeita do diagrama. O mapa representa a

ideia de controle humano sobre o território, e a nascente, a resistência material e inevitável da natureza.

Esse objeto permitiu-me também mapear o ponto exato de onde se localizava a nascente. Para isso, realizei um percurso de campo, o qual documentei com a ajuda de imagens de satélite. Ao juntar esse material, pude traçar o percurso que aquela nascente seguia.

Figuras 37, 38, 39, 40 e 41: Registro dos estudos de localização da nascente utilizando imagens de satélite.



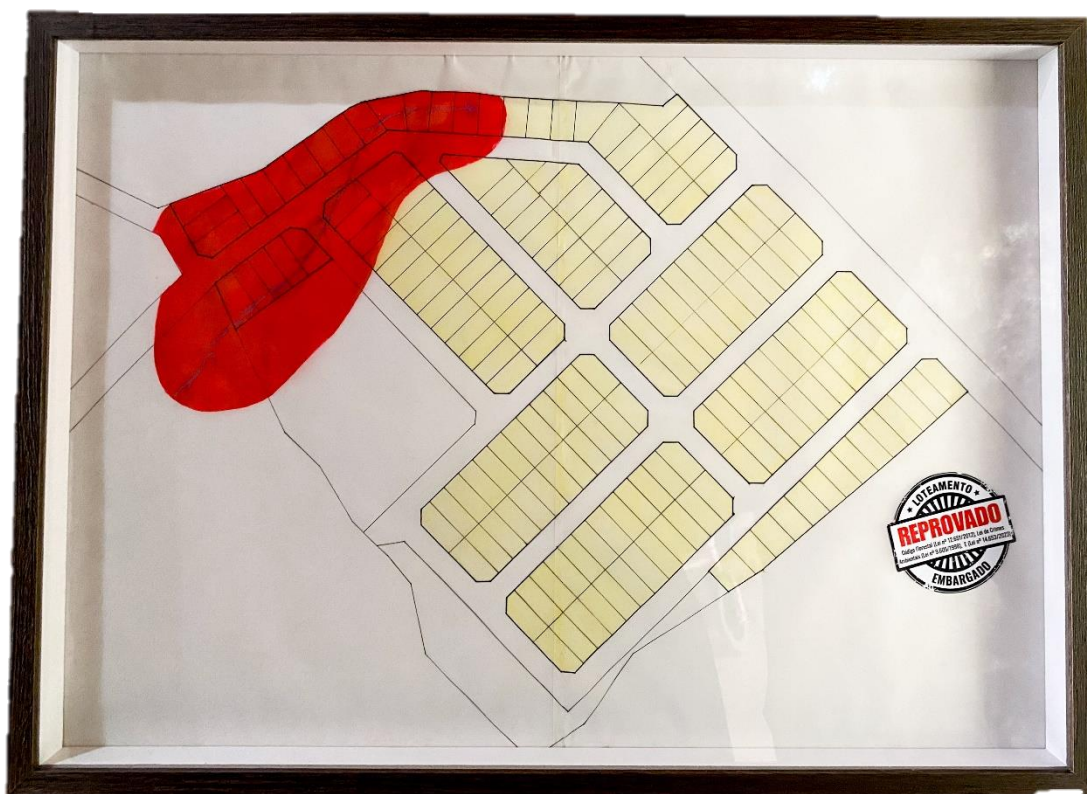
Fonte: arquivo do autor, 2025.

Com relação ao uso de mapas no âmbito artístico, Visconti (2012) nos apresenta duas possíveis vertentes principais, a primeira refere-se à apropriação de cartografias existentes; todavia, usando de uma maneira menos convencional àquela ao qual foi "projetada" ou esperada, aplicando em um jeito novo, diferente ou inusitado da abordagem. Já a segunda, seria a construção de cartografias imaginárias, fantásticas, que trazem um potencial universal, em um âmbito mais íntimo e pessoal. Conforme afirma o autor:

A primeira seria a que se apropria de cartografias existentes, mas utilizando-as de maneira pouco ortodoxa, dando vida a ações análogas àquela[...]. A segunda vertente seria a que constrói cartografias imaginárias, fantásticas, inventa, isto é, países e continentes, ficando contudo, e apesar da escala potencialmente imensa dessa criação, num âmbito mais íntimo e pessoal, que já foi definido cartografia emocional (Visconti, 2012, p. 71).

Desse modo, ambas foram desdobradas na minha pesquisa. Partindo da primeira, surge o trabalho “Visível”, em que busco dar ênfase à nascente que foi completamente apagada em detrimento de uma estratégia de comercialização do lugar.

Figura 42: Visível

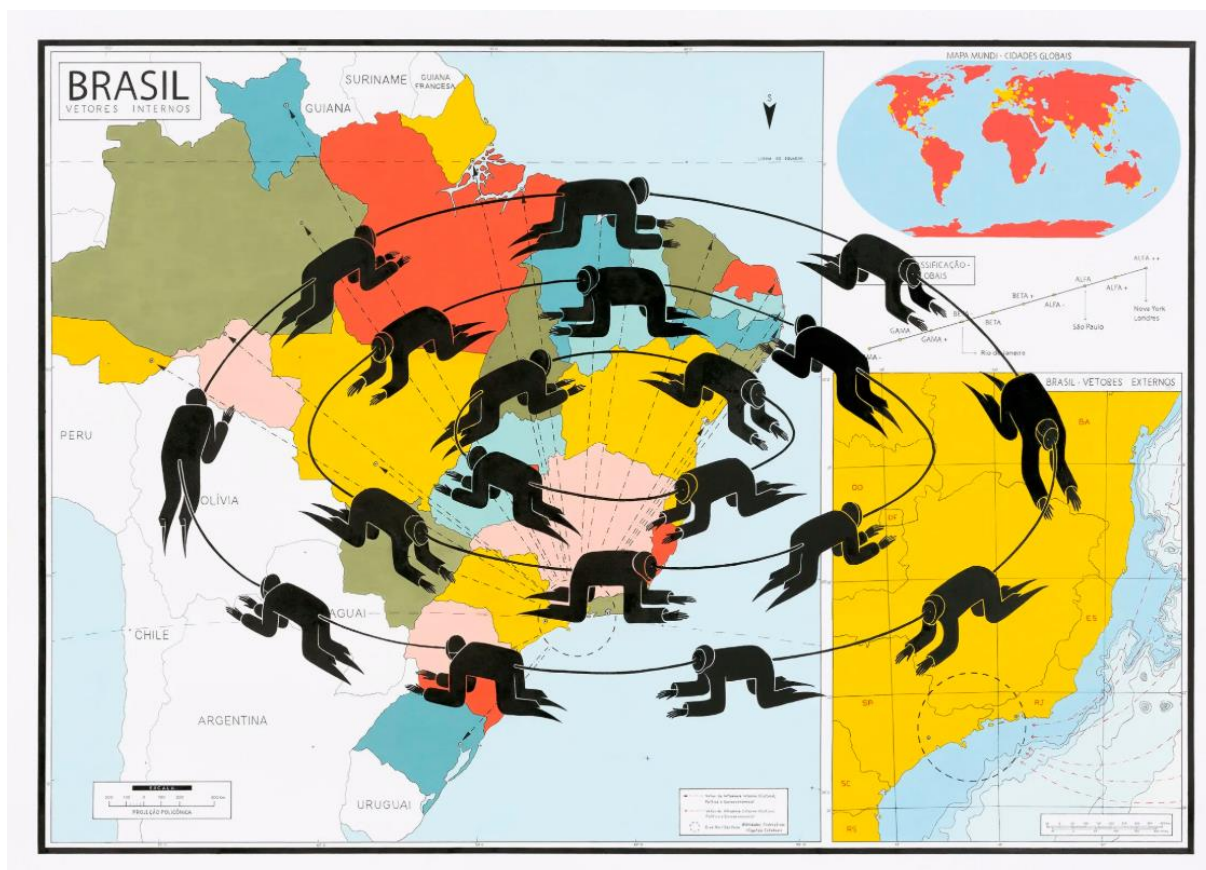


Fonte: Murilo Ribeiro, técnica mista sobre papel vegetal, 59,4 x 42 cm, 2025.

Busquei com esse trabalho recriar esse mapa, cujas divisões entre lotes e quadra são mantidas, e no lugar daquele exagero de propagandas, o foco passa ser a área da nascente que foi afetada com a construção do loteamento.

Minha prática nessa produção alinha-se à investigação de artistas como Talles Lopes, ao qual referencio no meu processo de concepção.

Figura 43: Obra: “Modelos e circuitos” de Talles Lopes.



Fonte: Cerrado Galeria, Nanquim, guache e acrílica sobre papel, 2017.

Em seus trabalhos, podemos perceber que ele se apropria e cria mapas com o intuito de abordar a cartografia em sua dimensão poética, não se limita ao aspecto universal da representação técnica, mas sim se interessa por expor as camadas de subjetividade e as decisões arbitrárias que estão veladas no aparente rigor científico dessas representações. Conforme percebe-se na análise de Sobral (2021) sobre a produção de Talles:

O papel da cartografia tanto como arte quanto como ferramenta ideológica de controle sobre o território, e, empregando as convenções cartográficas, comenta desde a invenção do espaço cartografado até dados estatísticos reais referentes a questões sociais, econômicas e políticas (Sobral, 2021, p. 01).

Ao mencionar a cartografia como "arte", conecta-se diretamente com a dimensão poética que busco na minha produção, e duplamente, se reforça como ferramenta política, englobando a sua apropriação de cartografias existentes e o questionamento de suas intenções. Tudo isso concretiza-se em "Visível," em que trago uma inversão do carimbo de aprovado e uso das leis ambientais para subverter a lógica do mapa do loteamento, sendo elas:

A Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, em que observa de forma central, seu primeiro artigo, que define o objeto da lei:

Art. 1º-A. Esta Lei estabelece normas gerais sobre a proteção da vegetação, áreas de Preservação Permanente e as áreas de Reserva Legal; a exploração florestal, o suprimento de matéria-prima florestal, o controle da origem dos produtos florestais e o controle e prevenção dos incêndios florestais, e prevê instrumentos econômicos e financeiros para o alcance de seus objetivos. (Incluído pela Lei nº 12.727, de 2012).

A Lei Nº 9.605, de 12 de Fevereiro de 1998, que “Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências.”.

E, por fim, a Lei Nº 14.653, de 23 de Agosto de 2023 que altera as Leis nºs 12.651, de 25 de maio de 2012, e 14.119, de 13 de janeiro de 2021, para disciplinar a intervenção e a implantação de instalações necessárias à recuperação e à proteção de nascentes. Como se observa respectivamente:

Passa a vigorar acrescido da seguinte alínea “j-A” [...] j-A) atividades com o objetivo de recompor a vegetação nativa no entorno de nascentes ou outras áreas degradadas, conforme norma expedida pelo órgão competente do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama);

Art. 9º [...] Parágrafo único. As Áreas de Preservação Permanente, Reserva Legal e outras sob limitação administrativa nos termos da legislação ambiental serão elegíveis para pagamento por serviços ambientais com uso de recursos públicos, conforme regulamento, com preferência para aquelas localizadas no entorno de nascentes, localizadas em bacias hidrográficas consideradas críticas para o abastecimento público de água, assim definidas pelo órgão competente, ou em áreas prioritárias para conservação da diversidade biológica em processo de desertificação ou de avançada fragmentação (NR).

Figura 44: Réplica alterada do carimbo.



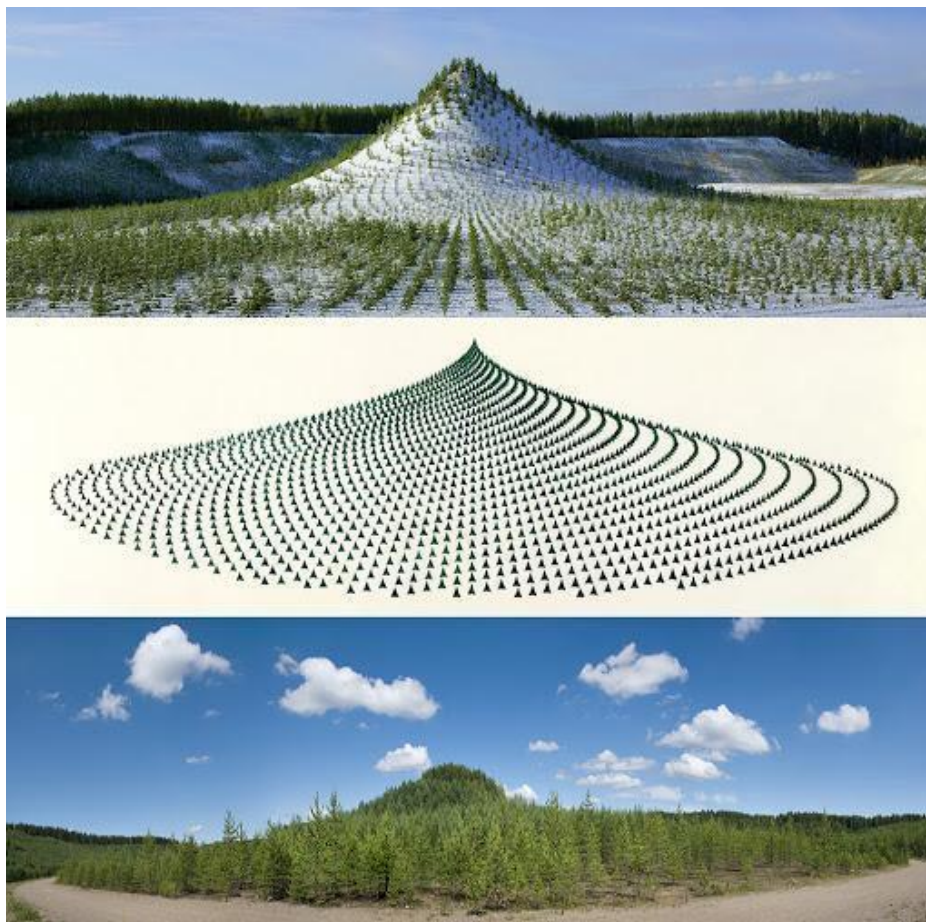
Fonte: arquivo do autor, 2025.

O carimbo, portanto, busca tornar visíveis as medidas jurídicas nas quais embaso meu posicionamento diante do crime que foi realizado contra essa nascente. Um ato que passa impune, visto que se constrói a partir de uma sociedade enraizada em um sistema de invasão e exploração. Junto a todas essas inquietações, eu parei e me perguntei: Como a arte poderia me proporcionar uma eficiência no processo de regeneração daquele lugar?

3.3 A instalação

Foi, então, que me apresentaram os trabalhos de artistas como Agnes Denes, mais especificamente a obra “Montanha de árvores” (*Tree Mountain*), um trabalho que levou 14 anos desde sua concepção, até sua conclusão em 1996. O projeto visava restabelecer o meio ambiente e deixar um legado para as futuras gerações, através da construção de uma montanha no local de uma antiga pedreira de cascalho em Ylöjärvi, Finlândia.

Figura 45: Os estágios da obra Tree Mountain - Agnes Denes.



Fonte: <<http://www.agnesdenesstudio.com/works4.html>>

Ao entender esse lado mais monumental da arte, o “Projeto Lacrimal” começa a criar um corpo/objetivo mais consistente. O título “lacrimal” surge a partir de uma dualidade de significados acerca dessa palavra. Entre os diversos substantivos do termo utilizado, para a pesquisa, essa dualidade é compreendida pelo sentido de lacrimal ser uma denominação informal dada às nascentes e também pela ideia da lágrima, que está ali para mostrar o quão violento e triste é essa destruição. Contudo, a utilização dessa palavra como nomenclatura do trabalho, cria vários outros espaços de interpretação uma vez que cada espectador é autônomo. Contudo, surge junto mais uma indagação: Por que não reflorestar essa nascente?

Foi iniciado então um processo ambicioso, em que todos os resultados de agora, são estudos para um futuro, sendo o primeiro deles: o plantio das mudas. Fiz então uma lista de diversas árvores nativas do cerrado, e que eu poderia ter acesso a sementes, para então plantá-las.

Felizmente, estava no final no período da seca, quando praticamente todo cerrado se enche de sementes, para que elas possam brotar logo nas primeiras chuvas, e devido a essa variedade, optei por fazer uma seleção do que faria mais sentido que eu plantasse naqueles lotes.

Eu não pude descartar o principal empecilho: ali se trata de um terreno que eu não tenho controle, eu não tenho poder, e eu precisava de uma justificativa, que desse esperança de que as pessoas deixassem aquelas mudas crescerem. Foi, então, que optei por plantar apenas plantas frutíferas e ornamentais nativas do cerrado, ao fazer isso, meu objetivo é usar as artimanhas do próprio sistema capitalista no âmbito da mercadoria, que segundo Karl Marx (1875, p. 97): “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso”.

E, dessa maneira, aquelas árvores trariam então um certo “retorno”. Mais especificamente por gerar frutos para alimentação, ou simplesmente para proporcionar uma bela foto para as suas redes sociais de uma caraíba bem florida em um pôr do sol.

Iniciei, portanto, a colheita de todos esses frutos para extração das sementes, seguindo a metodologia de pesquisa, essa ação foi realizada através de derivas que se concentraram na região do morro da antena, e na reserva que se localiza atrás da minha casa, mesmo lugar onde eu peguei a terra para o plantio das mudas.

E, assim, foram plantadas: 20 cagaitas, 7 curriolas, 16 mangabas, 20 saputas, 5 pequis, 4 mama-cadela, 15 caraíbas, 15 mutambas, 15 ipês-verde, 19 cajus, 13 muricis e 5 ingás, totalizando assim 150. Todas foram devidamente etiquetadas, para que eu pudesse identificar de forma mais prática cada espécie.

Figuras 46, 47, 48 e 49: Processos de plantio das 150 mudas.





Fonte: arquivo do autor, 2025.

Feito isso, o que me restava era esperar, já que cada planta tem seu tempo de germinação. A primeira de todas a germinar foi a caraíba, que em menos de uma semana, já se apresentava como um pequeno brotinho, os dias foram passando e, à medida que os dias foram passando, mais espécies foram desabrochando em meio a terra.

Figura 50: Os primeiros brotos de caraíba.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

Foi muito interessante acompanhar todo esse processo de brotação, cada planta que surgia ali seria uma ferramenta para regeneração daquele olho-d'água, e mostrar aquilo, era fundamental para expor o fato de que o projeto já se encontrava em desenvolvimento. Foi quando decidi trabalhar uma instalação com esse material.

Além dos trabalhos com os mapas, o artista Talles Lopes incorpora algumas instalações entre suas produções. A exemplo de *A grande orla de Novo Aripuanã* (2020), que conforme nos explica Sobral (2021), trata-se de uma instalação compreendida por dois elementos: uma pintura que retrata a paisagem do porto da cidade de Novo Aripuanã nas margens do rio

Madeira, no Amazonas; e uma réplica em madeira de Tamboril, de um banco de praça da cidade de Três Lagoas, em Mato Grosso do Sul.

Figura 51: Talles Lopes, Banco da Praça da Igreja Santo Antônio (Três Lagoas - MS)



Fonte: crédito Galeria Aura, Mobiliário em madeira Tamboril. Edição: 4/25 42 x 110 x 35 cm, 2020.

Destaco, assim, esse objeto que aborda uma apropriação da coluna do Alvorada por construções oficiais e, a partir disso, pude perceber que a forma, nesse caso, é um elemento fundamental para construção de um diálogo com o expectador. A forma, nesse contexto, ultrapassa a simples representação, pois é a própria configuração dos elementos que carrega o significado.

Essa abordagem está alinhada com o princípio da Gestalt, que entende a forma como o elemento central para a percepção estética, exigindo que a organização dos objetos seja compreendida em sua totalidade (Pavão, 2024). Essa ênfase na forma apropriada e recontextualizada, constitui o eixo do meu trabalho, em que busco utilizar a configuração dos lotes para realçar e valorizar a nascente, além claro de remeter diretamente ao local onde futuramente aquelas mudas serão plantadas.

Figura 53: Etapa de construção do mobiliário.



Fonte: arquivo do autor, 2025.

Foi muito significativo essa interação com meu pai. Por muito tempo eu tive medo de que ele não entendesse o significado da arte para minha vida, e tê-lo ao meu lado nessa produção, foi uma forma de quebrar esses meus pensamentos. Ele preocupava-se com cada detalhe, e enquanto íamos construindo, ele me perguntava mais sobre do que se tratava todo esse projeto. Todo processo demorou cerca de uma semana, desde a compra dos materiais, a estruturação e a finalização, que foi feita com lixamento da madeira e selamento utilizando verniz.

Figura 54: INSTALAÇÃO - Usufruto

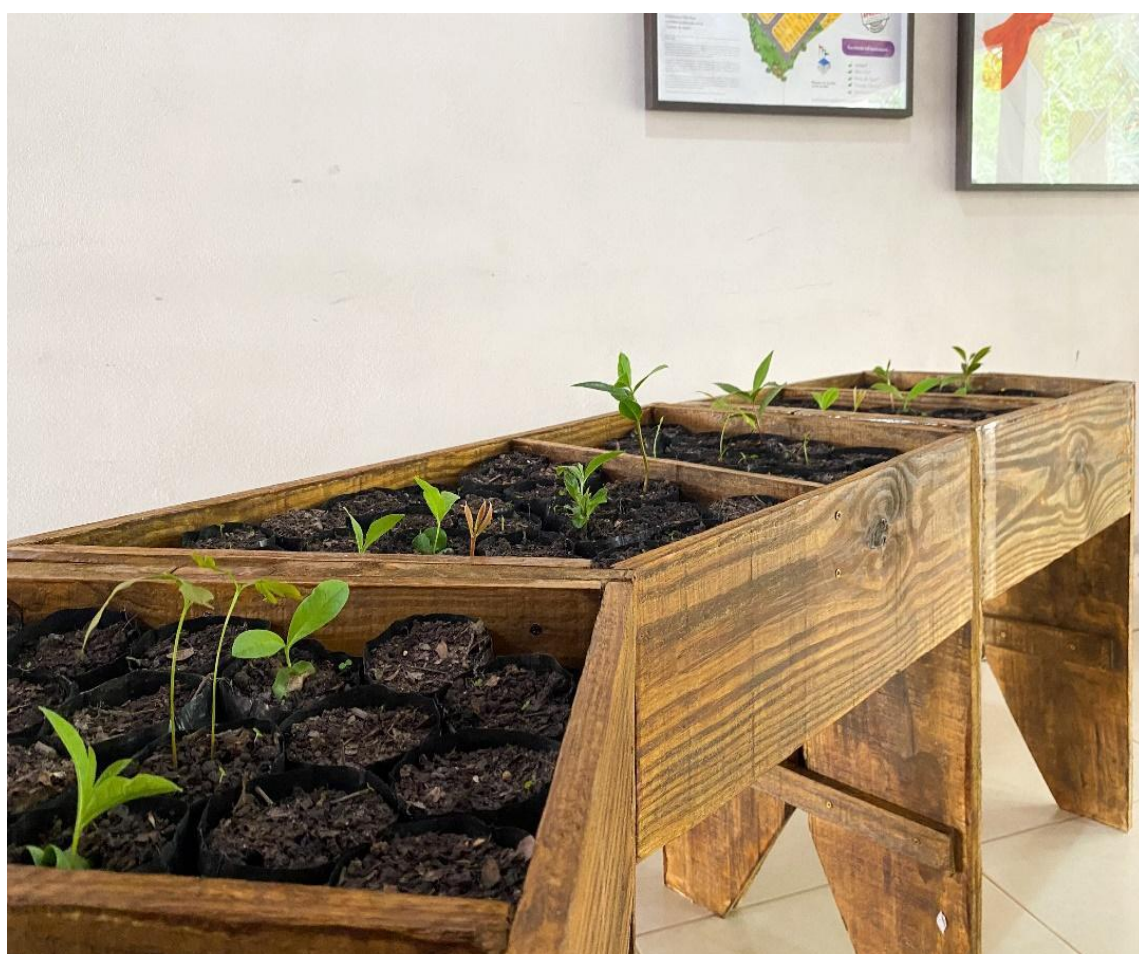


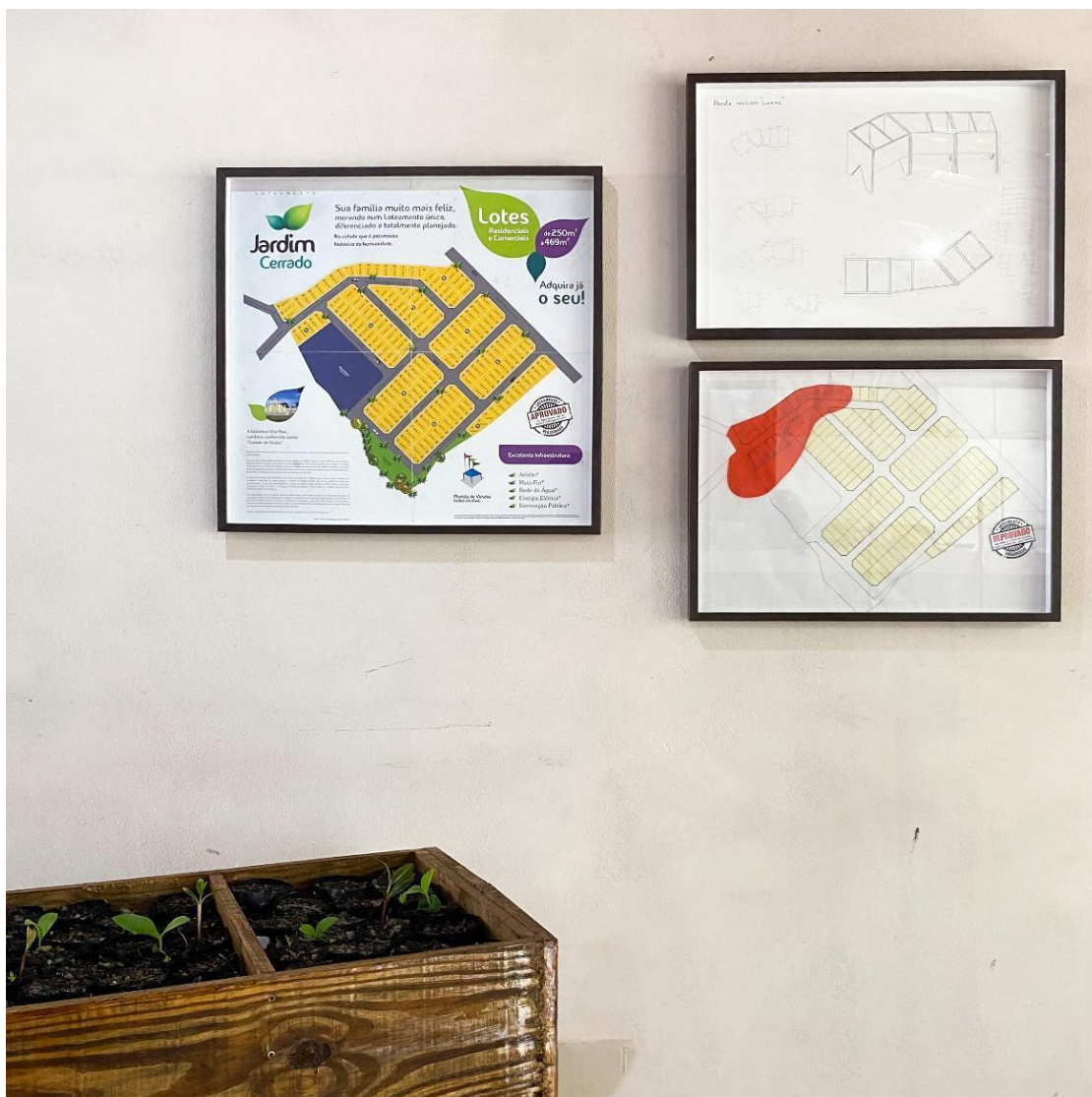
Fonte: Murilo Ribeiro, mobiliário de madeira com mudas de árvores (Frutíferas e florais) nativas do Cerrado;
Colaboração: Valdivino Ribeiro Neto, Simone Rodrigues e Vivi Persan.

E assim surgiu a instalação “Usufruto”, uma projeção de um ambicioso projeto de reflorestamento. Essa arte produzida foi incorporada às ideias da nova deriva, pois conforme afirma (Visconti, 2012, p. 97), este método tem como conceito principal estimular a participação do observador, ao passo que enfatizam a possibilidade de criar uma obra de arte, cujo valor não seja econômico, mas, por assim dizer, filosófico ou social. Desse modo, o trabalho assume o papel de uma ação ecológica, que busca ações concretas no processo de regeneração dessa nascente.

De forma geral, o projeto lacrimal reuniu um corpo de trabalhos que assume o processo artístico como a própria obra de arte. Todas aquelas inquietações de uma criança que estava conhecendo o mundo, além da minha relação com a terra e o plantio, foram fundamentais para conceber tal pesquisa. O autor Pires da Conceição (2019, p. 91) reflete sobre a potência da arte contemporânea em se conectar com o mundo para além dos limites disciplinares e da denúncia política superficial, encontrando um ponto de convergência entre o artístico e o político. Com isso, busco assumir a arte como uma ferramenta de transgressão, a um passo que, a partir dos meus trabalhos, procuro contribuir para regeneração de uma natureza negligenciada.

Figuras 55, 56 e 57: Instalação do projeto lacrimal.





Fonte: arquivo do autor, 2025.

Considerações Finais

O percurso de pesquisa e a criação de "LACRIMAL: uma poética cerratense de regeneração" concretizou o objetivo de articular a autobiogeografia, a denúncia ecológica e a prática artística em uma resposta estética-política à degradação do Cerrado. Essa jornada, que teve início nas descobertas da infância, culmina na afirmação de que o processo artístico se assume como o próprio objeto de arte, capaz de gerar um valor filosófico e social, em contraposição à lógica do lucro que vitima o bioma.

A jornada de revisitar o passado propiciou a compreensão de que a relação com o Cerrado e o território sempre permeou diversos aspectos da minha vivência, refletindo-se

atualmente na minha poética. Assim, a experiência de residência no loteamento construído sobre a área contestada, embora inicialmente fosse um conflito, transformou-se no campo de batalha e laboratório da pesquisa, permitindo uma conexão intrínseca com o território.

Nesse sentido, o projeto Lacrimal transcendeu a denúncia, expandindo-se para a ação concreta, culminando na instalação "Usufruto". Essa instalação é a projeção e o marco inicial de um projeto de reflorestamento da nascente, mobilizando artimanhas do próprio sistema capitalista, como o valor de uso das plantas frutíferas, para garantir a sobrevivência das mudas plantadas.

A metodologia da caminhada e da observação atenta, ao guiar o percurso pela nascente e pelo tecido urbano especulativo, converteu a finalização do trabalho em um novo ponto de partida no território. A Deriva, enquanto filosofia de ação e não meramente técnica, impede o fechamento hermético do processo; o que aqui se apresenta são os dispositivos e os mapas desenvolvidos a partir do percurso, mas a verdadeira poética cerratense da regeneração reside na continuidade do movimento, na vigilância ativa e na insistência do plantio que se dá para além das páginas.

Com essa pesquisa artística, pude compreender os diversos caminhos pelos quais a arte pode chegar, e assim pensar um movimento que vai além de um mero objeto contemplativo. A interdisciplinaridade que se é permitido no âmbito das artes, são pontes que potencializam o seu papel como uma ferramenta de mudança da sociedade.

Em última análise, o trabalho reafirma a nascente como um símbolo de resistência, um manifesto artístico e ambiental. O "Lacrimal" é, portanto, um ato de esperança e um chamado à regeneração: a lágrima que cai da dor da perda é a mesma água que nutre o plantio de 150 mudas nativas, estabelecendo um diálogo com a terra que busca uma nova forma de ser e de se relacionar com o território.

Logo, este TCC se encerra, não com um ponto final, mas com o início de um processo de cura e reexistência para o Cerrado.

Referências

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem no Planalto Central**: eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília (UnB), 2011. 615 p.

CRUTZEN, Paul J. **Geology of mankind**. *Nature*, v. 415, n. 6867, p. 23, 3 jan. 2002.

DEBORD, Guy. **Teoria da deriva**. In: DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

LIPPARD, Lucy R.; CHANDLER, John. **The dematerialization of art**. Art International, Lugano, Suíça, v. 12, n. 2, p. 31-36, Feb. 1968.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I: O Processo de Produção do Capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

PIRES DA CONCEIÇÃO, Felipe Matheus. **Incursões na Zona Neutra: Comentário, Polarização e a Perspectiva do Conflito**. 2019. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. **Autobiogeografia como metodologia decolonial**. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26., 2017, Campinas. Anais do 26º Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017.

SOBRAL, Divino. **Espaço, história, cartografia e arquitetura na obra de Talles Lopes**. [S.l.: s.n.], out. 2021. [1-48] (Opcionalmente, inclua a data e local de acesso, como no exemplo: Acesso em: 17 nov. 2025).

VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas derivas: o caminhar na arte contemporânea**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.